

VICTOR AZEVEDO

HUMANAMENTE

DEUS

UMA INTERPRETAÇÃO DO EVANGELHO E
DA PESSOA DE JESUS PARA OS DIAS DE HOJE

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

VICTOR AZEVEDO

HUMANAMENTE

DEUS

UMA INTERPRETAÇÃO DO EVANGELHO E
DA PESSOA DE JESUS PARA OS DIAS DE HOJE

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Victor Azevedo, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Carmen T. S. Costa e Valquíria Matioli
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Rafael Brum
Imagem de capa: Flashworks/iStock

A versão da Bíblia utilizada nas citações que compõem este livro é a Nova Versão Internacional (NVI). Disponível em: <https://bibliaestudos.com/nvi/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Azevedo, Victor Humanamente Deus: uma interpretação do Evangelho e da pessoa de Jesus para os dias de hoje / Victor Azevedo. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2023. 144 p. Bibliografia ISBN 978-85-422-2343-9 1. Deus – Cristianismo 2. Religião 3. Fé I. Título 23-4349 CDD 211
--

Índice para catálogo sistemático:
1. Deus – Cristianismo



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Editora Planeta  **20**
Brasil ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Bembo Book MT Pro e impresso pela Geográfica para a Editora Planeta do Brasil em agosto de 2023.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

Prefácio

7

Introdução

15

I. Que deus é “por nós”?

25

II. Um Deus muito humano

41

III. Jesus de Nazaré

65

IV. “Quem vocês dizem
que eu sou?”

87

V. Jesus quer ser seguido

105

VI. Seguindo os que
seguem a Jesus

117

Palavras finais

131

Referências bibliográficas

143

I academia



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



academia

Que deus
é “por nós”?

academia

Sem dúvidas, o versículo que mais teve êxito em se tornar um dos bordões preferidos dos cristãos ao redor do mundo é: “[...] Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8:31).

O grande problema é que essa frase se transformou em uma espécie de amuleto da sorte utilizado em diversos contextos e cenários absurdos e estranhos ao Evangelho. Em especial, naquele que entende que, “se Deus é por nós” – compreendendo o “nós” como o próprio grupo de pertencimento, pensamentos e crenças –, decerto Ele deve ser contra todos os outros: isto é, os que

não compartilham desse mesmo grupo de pertencimento.

Dessa forma, em muitos momentos, esse “Deus é por nós” acaba se tornando fonte de uma espécie de segregação em que aparentemente o Pai está a favor de alguns e em detrimento de outros; advogando pela causa de A e rejeitando a de B. Quando pensamos na experiência do caráter de Deus, porém, existem algumas ideias e concepções que não podem ser misturadas de forma alguma.

Na Química, é sabido que alguns produtos não devem ser misturados a outros por questões de incompatibilidade, podendo até mesmo provocar reações inesperadas e fatalidades. Quando falamos de Deus, isso também acontece, pois existem pensamentos a respeito do Criador que são incompatíveis entre si. Vou citar um exemplo: se acreditamos que Deus é graça, amor, misericórdia e luz, não há como julgar que esse mesmo Deus é segregador, opressor e controlador. É impossível alguém ser todo amor e, ao mesmo tempo, opressor e excludente. Trata-se de uma ideia extremamente incompatível. No entanto, de modo lamentável, muitos em nosso meio têm feito essa mistura, e a reação disso é fatal.

Em um texto bíblico, quando lemos a letra apenas pela letra, com o propósito de caracterizar o Criador com base em tudo o que há ali, a imagem dessa construção literal e absoluta decerto não representa o Deus do Evangelho. Afinal, existe versículo bíblico para tudo: tanto para incluir quanto para excluir; tanto para perdoar quanto para condenar; tanto para matar quanto para salvar.

Sinceramente? Não importa do que precisemos, tem versículo para o que quisermos dizer e em que acreditar hoje em dia. E é por isso que mais de 5 mil religiões leem a mesma Bíblia, mas professam a fé de uma forma diferente.

Conforme escreveu Brian Zahnd, em seu blog, é necessário entender que:

João Batista foi enviado por Deus, mas João não era Deus. João deu testemunho da Palavra, mas João não era a Palavra. João foi inspirado por Deus, mas João não era a encarnação de Deus. É assim que devemos entender a relação entre a Bíblia e a revelação de Deus em Cristo. A Bíblia é enviada por Deus e inspirada por Deus, mas a Bíblia não é Deus. A Santíssima Trindade é Pai,

Filho e Espírito Santo – não Pai, Filho e Bíblia Sagrada. João Batista e a Bíblia desempenham papéis semelhantes em relação ao Logos eterno que é Cristo. Podemos dizer assim: “Houve um livro enviado por Deus, cujo nome era Bíblia. Veio como uma testemunha da luz, para que todos pudessem acreditar nela”. A Bíblia testifica por meio de João Batista: João dá testemunho dele. Ele exclama: “Este é aquele de quem eu falei: Aquele que vem depois de mim é superior a mim, porque já existia antes de mim” (João 1:15). Esta não é uma visão inferior das Escrituras, mas uma visão elevada de Cristo.

Não podemos acreditar, portanto, que é possível montar uma caricatura de Deus com tudo o que lemos sem que ela passe pelo filtro da Sua expressão mais exata e real: Jesus, de Nazaré. Do contrário, veremos o mosaico de um ser inconsistente e inconstante, diante do qual não saberemos como nos posicionar: se com medo ou com coragem; se convictos de que Ele é por nós ou se é contra nós; se confiantes de que nos ama e nos abençoará ou se pesará a mão sobre nós.

Não sabemos o que esperar perante toda essa mistura incompatível que fizemos e chamamos de

“Deus”, pois a verdade é que tais contradições impossibilitam uma identidade real e confiável.

Em primeiro lugar, lembre-se de que o Deus do Evangelho não é um monstro de Frankenstein formado por todos os recortes das Escrituras sem filtro ou critério algum. Isso fica muito mais fácil de se compreender quando temos em mente que a narrativa bíblica não foi elaborada de acordo com o que Deus fala sobre si mesmo, mas é o reflexo da percepção humana a respeito dEle. E é por isso que em diversos momentos encontramos relatos distintos acerca de quem é o Criador e o que Ele faz, da mesma forma que teremos uma definição plural e até contraditória de qualquer outra coisa, se perguntarmos a pessoas diferentes.

Quer um exemplo? Imagine que você faça uma pesquisa com vinte indivíduos solicitando que informem o que pensam a respeito de determinada flor nunca vista antes. Alguns dirão que é como uma rosa; outros, que se parece com um girassol. Entre as respostas, você obterá termos como: grande ou pequena; vermelha ou branca; tem espinhos ou não os tem. Há participantes que poderão defini-la como carnívora e do mal, pois, por não ser concreta, ela pode, sim, ser tudo isso.

No entanto, a partir do momento em que você lhes apresentar essa flor, revelando suas pétalas, seu cheiro e sua real aparência, todas as outras definições que não sejam fiéis ao que se pode ver nela precisam dar espaço para a verdade.

O mesmo acontece com Deus. Nas Escrituras, há vários relatos que O definem como tendo ou não espinhos, ordenando a morte ou promovendo a vida, sendo amoroso ou vingativo... Contudo, quando Jesus Cristo aparece na narrativa, Deus toma forma, e todos os demais conceitos que não se enquadrem nessa revelação não devem mais fazer parte da nossa fé cristã.

Antes mesmo de Jesus, ao longo da história e das doses de manifestação dessa revelação plenamente apresentada nEle, houve uma evolução da consciência humana e da percepção sobre Deus. No Primeiro Testamento, há passagens relatando sacrifícios oferecidos a Ele como se esse fosse o Seu desejo. Um tempo depois, porém, nos livros dos profetas, a ideia é contrária a essa. Por exemplo, em Oseias 6:6, lemos o seguinte: “Pois desejo misericórdia, não sacrifícios, e conhecimento de Deus em vez de holocaustos”.

E a verdade é que Deus continua sendo toda graça e todo amor, independentemente da ideia que temos a Seu respeito. No entanto, a forma como escolhemos crer nEle e a maneira como O vemos mudam a nossa compreensão do mundo e das pessoas.

